



CORREIO DE COIMBRA

SEMANÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRETORA: SÓNIA NEVES
ANO 104 | N.º 5056 | 26 DE FEVEREIRO DE 2026 | GRATUITO



Servas do Apostolado
No hoje da História

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

DESTAQUES

03 ENFOQUE

D. VIRGÍLIO ANTUNES

Quaresma, Silêncio e Oração

06 DIOCESE

**CAPELANIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Encontros sobre S. Mateus

06 DIOCESE

PASTORAL DA FAMÍLIA

Ciclo de formação

07 GRANDE PLANO

SERVAS DO APOSTOLADO

«Ser fermento na massa»

13 PARA NOS PENSARMOS

OPINIÃO DE QUEM NOS ACOMPANHA

Nuno Canilho; Cristina Novo;

Paulo Aido - AIS; Ana Faria (SDEC)

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETORA

Sónia Neves (CP 5775)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃO

Communis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, n.º 2
3004-547 Coimbra

GRAFISMO / PAGINAÇÃO

Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃO

Rua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)

DONATIVOS

assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO

suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORES

Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores. As imagens e textos da secção Suplemento "Igreja Viva" são da responsabilidade dos respetivos colaboradores.

ESTATUTO EDITORIAL

www.correiodecoimbra.pt

PUB

Porto | Coimbra | O. Azeméis | Leiria | Lisboa

FREGO
CORRETORES DE SEGUROS • INSURANCE BROKERS

+45 anos
De experiência na gestão de soluções
diferenciadoras para riscos empresariais

www.frego.pt
geral@frego.pt

F. REGO - Corretores de Seguros, S.A. Mediador de Seguros inscrito em 27-01-2007 na ASF, categoria de Corretor de Seguros n.º 607110281/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida (www.asf.com.pt). A F. REGO não assume a cobertura dos riscos contratualizados.

CORREIO DE
COIMBRA

Seminário da Diocese de Coimbra



Quaresma, silêncio e oração

Alguns jovens da nossa Diocese e do nosso país iniciaram a Quaresma com uma peregrinação a Taizé, na França. Decidi, este ano juntar-me a eles alguns dias, com os mesmos objetivos, para partilhar a mesma experiência e fez-me muito bem.

Taizé é uma comunidade ecuménica monástica, constituída por irmãos, já com cerca de oito décadas, por onde passam anualmente várias dezenas de milhares de jovens e alguns adultos, à procura de Deus ou, pelo menos, de algo que possa preencher as suas vidas a partir de dentro. Não há ali comodidades, é tudo muito precário e bem diferente das condições em que passamos os nossos dias nos nossos lugares habituais.

Interrogo-me frequentemente acerca das motivações que levam os jovens até ali. As respostas são muitas: a diferença em relação a tudo o que se pode experimentar no dia a dia e noutros lugares e circunstâncias, o convívio e a amizade que cresce num lugar onde a vida muito simples é constituída por um conjunto de rotinas sempre iguais, a radicalidade das opções propostas... o facto é que, muitos que vão uma vez, querem voltar outras vezes e ficam com o sabor feliz de uma semana marcante para a vida.

Depois de repassar todas as possíveis motivações de carácter humano e social, incluído o gosto pela aventura e pela novidade, fica-me a impossibilidade de explicar o fenómeno somente por essa via. Lugares de convívio há muitos, possibilidades de encontro com a novidade, também, de

coisas surpreendentes e atrativas para os jovens com intuits comerciais se encarregam todas as plataformas de promoção e marketing.

Taizé cativa por proporcionar silêncio e oração, duas realidades tão distantes da vida dos jovens, filhos deste tempo, e da vida de todos nós, assoberbados como andamos com tantas coisas na corrida quotidiana. Oferece o que mais precisamos: um tempo vivido de forma gratuita, sem pressas e de encontro connosco e com Deus. Oferece o que é mais difícil de encontrar nas condições habituais em que se passa a nossa vida: a busca de sentido, o anseio pela dimensão espiritual da nossa existência, a procura de Deus como resposta para as nossas inquietantes perguntas.



O facto é que, muitos que vão uma vez, querem voltar outras vezes e ficam com o sabor feliz de uma semana marcante para a vida.

É admirável como os jovens são capazes do silêncio naqueles tempos longos de encontro no espaço sagrado. Prolongam-no mesmo para além do previsto nos horários, porque aprendem a saboreá-lo, porque não é um silêncio vazio, mas pleno do sentido que lhe vem do canto repetitivo, da Palavra de Deus escutada, da comunhão com os outros na mesma humanidade e na mesma fé.



Para muitos jovens, apesar do percurso já feito na Igreja, na catequese, na educação moral e religiosa, a chegada a Taizé inaugura um tempo novo no desejo e na capacidade orante. O contexto ajuda muito, o ambiente criado, também, a idade própria para assumir um rumo na vida de forma consciente e responsável fornece o elemento decisivo. Quando se tem a graça de entrar na oração e se permite que o Espírito de amor reze em nós, opera-se uma poderosa transformação, fica uma experiência inesquecível.

A escuta da Palavra de Deus, a catequese bíblica em linguagem adequada, a partilha nos grupos, oferecem uma verdadeira escola para a vida. Também para muitos, a Bíblia entra ali pela primeira vez no espaço pessoal e diário como voz que conduz, guia, interpela, corrige, anima e traz a luz de Deus para a mente e o coração.

Em Taizé tem lugar de relevo a celebração do Sacramento da Reconciliação. A acompanhar uma experiência de encontro com Deus no silêncio e na oração, os jovens sentem o impulso para se aproximarem do sacramento da misericórdia e do perdão. A alegria de entrar no coração do Pai rico de misericórdia é maior do que toda a debilidade, problemas, dúvidas e pecados.

Esta peregrinação faz-me pensar que o caminho dos jovens na Igreja tem futuro e anuncia alvares de renovação da fé no Deus que nos acolhe, nos fala, nos acompanha, nos perdoa e nos oferece horizontes de eternidade. Agradeço aos jovens por nos ajudarem a refazer a esperança que vem de Deus. 🙏



ÍNDICE

06 DIOCESE



07 GRANDE PLANO

13 PARA NOS PENSARMOS

23 LITURGIA

26 AGENDA



COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano *Correio de Coimbra* passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital.

Comporta, contudo, custos.

Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação.
Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

O *Correio de Coimbra* é **um serviço gratuito** à missão evangelizadora da nossa Diocese.

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar.

Muito obrigado.



DIOCESE

PREVENIR.

A prevenção do abuso sexual e da exploração sexual de todos os membros e deve envolver crianças/adolescentes, educadores e adultos de uma forma geral. Importa educar sobre o abuso sexual, detetar e investigar situações de competências que se agitam a estar mais protegidos contra eventual situação de risco.

Importa PREVENIR.

- P - Párvulos.** O corpo tem partes privadas e não privadas. Aprender que o meu corpo é meu e deve protegê-lo.
- R - Resa.** Aprender que sentir «segredos» bons que podem ser guardados e «segredos» más, que colocam a criança/adolescente em risco e devem ser contados.
- E - Escutar.** Ouvir o que a criança/adolescente diz e também para além do que é dito. É mais do que ouvir-se sobre situações de abuso sexual.
- V - Valerias.** Promover as competências da criança/adolescente, valorizando a sua capacidade de adquirir conhecimentos e competências.
- E - Emoções.** Promover a partilha de emoções negativas com um adulto de confiança.
- N - Não.** Aprender a dizer «não» e «não», mesmo aos adultos.
- I - Internet.** Saber que muitas crianças/adolescentes são aludidos e envolvidas em situações de risco através da internet, vídeo de conteúdo pornográfico, e que os adultos devem supervisionar a criança.
- R - Resa.** Pedir ajuda a um ou mais adultos de confiança.

PEDIR AJUDA

Faça o seu relatório ou revelação de abuso sexual, deve identificar a situação e pedir ajuda. A quem?

Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis da Diocese de Coimbra
 Universidade de Coimbra (Coimbra) 21
 301 210 110

Ministério Público - www.mpro.gov.pt/pt
 Polícia Judiciária (PJ) - 211 97 722
 (numeração nacional)
 Linha SOS Crianças - 22 79 3117 ou 112 112
 APAY - 11 1000

Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes

conhecer para prevenir e intervir



Formação «Paróquia como espaço seguro» volta às comunidades

A Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis da Diocese de Coimbra volta a promover um “conjunto de iniciativas no campo da prevenção” dirigidas a “todos os responsáveis e colaboradores em todo o espaço eclesial diocesano”.

[LER MAIS >](#)

Famílias da diocese convidadas para ciclo de formação

O Secretariado Diocesano da Pastoral da Família (SDPF) vai realizar um ciclo de formação para agentes da Pastoral Familiar e casais/pessoas interessados, com base nos três pilares: “Acolher, Congregar e Servir”.

[LER MAIS >](#)

AS ENTERELINHAS NOS TEXTOS DE MATEUS
 um possível itinerário espiritual

COM PROF. DOUTOR FREDERICO LOURENÇO
 MODERADOR: PADRE HUMO FEILHO

10 MARÇO
 Chamamento de Mateus [Mt. 9, 9-13]

14 ABRIL
 Paixão segundo Mateus [Mt. 26-27]

12 MAIO
 O discurso da montanha [Mt. 5]

9 JUNHO
 O novo, as dez noivas e o juízo final [Mt. 25]

Capelania da Universidade de Coimbra propõe encontros sobre São Mateus

A capelania da Universidade de Coimbra organiza um ciclo de encontros sobre “As entrelinhas nos textos de Mateus”, com Frederico Lourenço a percorrer os textos bíblicos.

[LER MAIS >](#)





«SER COMO FERMENTO NA MASSA»

Na busca pela vivência da Espiritualidade, o *Correio de Coimbra* traz a forma de viver das Servas do Apostolado, um Instituto Secular. Atualmente são 22 leigas consagradas em Portugal que se comprometem a viver no Mundo ao jeito de Jesus Cristo.



INSTITUTO SECULAR SERVAS DO APOSTOLADO

«É preciso abrir horizontes»



Alzira Santos e Rosário Virgílio

Na zona do Almeque, na quinta de Santo António, encontra-se um centro de formação laical. Para os mais distraídos, a casa que se encontra entre o Fórum Coimbra e uma nova urbanização, é espaço de oração e formação das Servas do Apostolado, um Instituto Secular que nasceu do sonho de Isabel Matias, na década de 50.

Coimbra foi o “berço” deste instituto que “já teve muitas escolas, de diferentes níveis de ensino desde o pré-escolar e cursos profissionais na área da educação familiar rural e de Educadoras de Infância” mas, atualmente vive um momento de renovação.

“É preciso abrir horizontes” é uma frase da fundadora, Isabel Matias, e reproduzida num painel de uma parede do salão que, reúne grandes reuniões ou celebração da Eucaristia.

O sol inundava o espaço exterior de uma casa preparada para receber grupos, seja de jovens ou leigos adultos, para momentos de formação, retiros e encontros informais onde a procura da fé é o mote.



Rosário Virgílio e Alzira Santos fazem uma visita guiada ao *Correio de Coimbra*, mostrando o espaço, que era uma antiga quinta de cultivo, com pomar e vinha. Hoje, os terrenos já não existem mas a casa mantém-se com dormitórios, cozinha, capela, salão, uma biblioteca e até um pequeno espaço museológico.

“Com os dias de tempestade que assolaram Coimbra, também esta casa sofreu algumas infiltrações que agora estamos a reparar e cuidar”, explica Maria do Rosário, de 67 anos.

A professora de EMRC, já aposentada, vai mostrando os espaços que servem a “quem vem à procura de silêncio e de aprofundamento de fé”.

“No espaço exterior temos alguns elementos muito nossos que quisemos que identificassem e colorissem as paredes para, quem vem, poder interpelar”, indica, mostrando os desenhos pintados.

Já Alzira Santos, de 73 anos, carrega um molho de chaves e vai abrindo as portas dos espaços, como se quisesse mostrar toda a dinâmica do Instituto que, em 2022, celebrou 70 anos.



Museu

“Nessa altura quisemos organizar algumas peças que vieram das nossas casas, que fomos fechando, e assim nasceu o espaço museológico, com imagens, instrumentos musicais, ferramentas e utensílios usados nas aulas dadas às nossas alunas”, recorda.

Atualmente, além de Sede do instituto é também “Centro de Formação Laical”, acolhendo encontros vários e é ali também que se reúnem as Servas do Apostolado, uma vez por mês, em assembleia geral, “num dia de oração e convívio entre todas as Servas”. 📍



WEBSITE

www.isapostolado.pt


ROSÁRIO VIRGÍLIO E ALZIRA SANTOS

«Servir e dar a vida»



O Instituto Secular Servas do Apostolado tem mais de 70 anos de história. Através de Rosário Virgílio e Alzira Santos mergulhamos numa vocação que não se esconde em conventos, mas que está no mundo como fermento na massa.

Como nascem as Servas do Apostolado e quem foi a vossa fundadora?

Rosário Virgílio: A nossa fundadora, Isabel, foi uma mulher leiga e militante da Ação Católica, o que nos enche de orgulho. Ela era "cheia de garra" e tinha uma visão clara: promover as pessoas, especialmente as mulheres, em meios rurais. Depois de várias experiências em congregações religiosas onde não se identificou, foi em Coimbra que estruturou este projeto. Ela foi pioneira ao abrir escolas de educadoras rurais e de infância quando o Estado ainda não tinha essas valências.

Alzira Santos: Eu cheguei a trabalhar no Centro Social Nossa Senhora da Anunciação, aqui em Coimbra, que a Isabel fundou para crianças desfavorecidas. Era um trabalho de inovação, com música e ginástica, focado na dignidade daquelas crianças.

Para quem não conhece, explique-nos o que é um Instituto Secular? O que vos distingue?

Rosário Virgílio: Não somos freiras, somos um Instituto Secular. A grande diferença é que não te-



Maria Isabel Henriques Marques Matias - Fundadora



mos vida comum obrigatória. Fazemos os mesmos votos — pobreza, castidade e obediência — mas vivemos nas condições comuns das pessoas: na nossa casa, sozinhas ou com a família de sangue. Pio XII deu-nos "cidadania" na Igreja em 1947, e a nossa fundadora percebeu logo: "é por aqui".

Vivemos no mundo, temos os nossos empregos. Eu fui operária fabril antes de estudar Teologia; a Alzira foi professora. Temos enfermeiras, administrativas, animadoras sociais... A nossa consagração é vivida no "meio do mundo", sem sinais externos que nos afastem do comum das pessoas.

O Instituto tem vindo a fazer, felizmente, um caminho de afirmação da secularidade, portanto, não somos de facto religiosas neste sentido, porque não temos vida em comum, fazemos os mesmos votos que as religiosas, daí que a nossa consagração seja efetiva, uma consagração religiosa. Vivemos, exatamente, nas condições comuns, do comum das pessoas, ou na família, e algumas de nós vivem na sua família de sangue.

Temos algumas servas que estão institucionalizadas em lares de terceira idade, porque temos esta visão de que a secularidade é para ser vivida até ao fim. Conscientemente, não criamos estruturas para apoiar as idosas, mas não deixamos de as apoiar na mesma, com a responsabilidade histórica de cuidarmos das pessoas que aceitaram o desafio de serem membros deste instituto.

Tivemos uma serva que fez os votos perpétuos, há pouco tempo, a Magda, temos outra no segundo ano do discernimento, por isso dentro do deserto há estes pequeninos sinais de esperança.

E a Alzira, como conheceu o instituto?

Alzira Santos: Eu era catequista aos 14 anos e adorava bailaricos, não faltava a uma festa... Mas, quando a festa acabava, ficava um vazio. O que me preenchia a mente durante a semana era pensar em como ajudar os meus meninos da catequese.



Apareciam na minha aldeia umas irmãs mas isso eu sabia que não queria ser... Estava a namorar e quando tinha 17 anos, num encontro de catequistas, conheci a Josefa, que é um dos membros do Instituto, e ela falou-nos disso.

Decidi aos 18 anos vir para Coimbra, saber mais sobre as Servas do Apostolado. Tive medos e saudades, mas quando a minha formadora me deixou ir a casa "matar saudades", durante um mês, percebi em oito dias que queria mesmo era estar aqui. Aos 21 anos, no dia dos meus primeiros votos, senti que estava a "casar" para sempre.

Rosário, no seu caso, ingressou no curso de Teologia, a ideia surgiu como uma paixão ou pensou em ser religiosa?

Rosário Virgílio: Nunca para ser religiosa de hábito, a vida comunitária tradicional não me agradava. Quando conheci os Institutos Seculares, apaixonei-me. Se voltasse a escolher, escolhia o mesmo. Não me anuncio a mim mesma; anuncio Jesus Cristo no hoje da história.

Ser Serva do Apostolado é estar em plena inserção no mundo, mas de uma forma consagrada, nós afirmamos a nossa consagração baptismal através dos votos. E procuramos ser, no meio do mundo onde estamos, sinais visíveis do Evangelho.



Atualmente são 22 Servas espalhadas por Portugal (Coimbra, Funchal, Leiria e Santarém).

Como veem o futuro?

Alzira Santos: Com muito entusiasmo! Às vezes dizem que não somos conhecidas, mas a culpa também é nossa. Temos de nos dizer pelo que vivemos, não pelas obras ou paredes. Se o nosso estilo de vida não provocar questões nos outros, algo está errado.

Rosário Virgílio: Estamos a atualizar o carisma. Hoje focamo-nos muito na formação de outros leigos e no "ensinar a rezar". Temos redes sociais, um jornal trimestral e até o sonho de um podcast sobre oração. Queremos ajudar as pessoas a consciencializar-se de que a vida cristã, por si só, já é uma vocação.

Nomeadamente estamos ao serviço apostólico e missionário, fazemos algumas ações de formação de outros leigos e estamos ao serviço de



ações pontuais que nos pedem, seja nas paróquias e grupos, como também na promoção de ações aqui na nossa casa, no Almegue.

Eu gostava de ter essa fórmula de ser entusiasta e isso procuro ser, naturalmente, não faço esforço para ser entusiasta na divulgação desta vocação da secularidade consagrada, porque é uma vocação que eu estou plenamente convencida que é tão atual hoje como quando surgiu.

E penso que se algumas pessoas tivessem conhecimento, havia outro tipo de adesão. Eu costumava dizer que não vivo preocupada com isso, porque esta obra não é minha. Esta obra é de Deus e, como tal, eu só procuro servir este projeto que o mundo precisa de conhecer: o plano de salvação que Deus tem para a humanidade.

No espaço exterior desta casa têm um painel que mostra o ato de lavar os pés, muito simbólico neste tempo de Quaresma. O que significa isso hoje?

Rosário Virgílio: Significa o serviço aos que mais precisam e às vítimas de violência. Rezamos e agimos pelos escravizados, pelas mulheres exploradas. Lavar os pés ao mundo é despojar-se do que está a mais e erguer os oprimidos.

Alzira Santos: E começa "dentro de casa". Lavar os pés às nossas irmãs mais idosas do Instituto ou à minha própria irmã de sangue, que é dependente. É dar a vida nos pequenos gestos, com paciência e sem perguntas, um bom itinerário para o tempo de Quaresma e para toda a vida. 🙏





PARA NOS PENSARMOS

SER PONTE

NUNO CASTELA CANILHO



Se oramos ao mesmo tempo... por que não oramos juntos?

Vivemos o tempo de Quaresma desde 18 de fevereiro. Nesse mesmo dia, com a Lua Nova, começou um novo ano chinês – o do Cavalo de Fogo – e com ele um período de celebração que se prolonga até à Lua Cheia, em 3 de março. No mesmo 18 de fevereiro do (nosso) calendário civil, começou o Ramadão muçulmano, que durará até 20 de março. Coincidências que não aconteciam desde 1863, a que se soma uma outra, menos rara, a da Páscoa católica coincidir com a Pessach, a Páscoa judaica.

Quatro tradições, quatro caminhos espirituais distintos, mas unidos por um traço comum: todos convidam à renovação interior, à memória das origens e ao compromisso com uma vida mais justa e fraterna.

Para quem procura estar atento aos sinais do Tempo, com a preocupação de ajudar na educação de jovens no escutismo católico, esta convergência não é apenas uma curiosidade crono-

lógica. É, antes, uma oportunidade pedagógica e espiritual para recordar que a humanidade partilha uma mesma sede de sentido, de transcendência e de Esperança. “Andamos todos ao mesmo”... poderia dizer-se.

Em diferentes geografias e culturas, movidos por um mesmo desejo de comunhão, mesmo que vestidos de diferentes figurinos humanos, a verdade é que nestes dias, milhões de pessoas vivem dias de jejum, oração, festa, gratidão e desejo de Libertação. Um movimento simultâneo de corações voltados para o essencial não deveria poder ajudar-nos a reconhecer o que nos une, mais do que aquilo que nos separa?

A Quaresma propõe aos cristãos conversão e libertação, através do jejum, da oração e da caridade, da partilha, do Amor. O Ramadão convida os muçulmanos a purificar a vida, através do jejum, da oração e da solidariedade em comunidade. O Ano Novo Chinês, com uma forte dimensão fami-



liar e comunitária, apela ao recomeço, à harmonia e ao respeito pelas gerações. A Páscoa judaica faz memória da libertação e da dignidade de um povo chamado a viver na fidelidade e na justiça, antecedendo-lhe a espera milenar pela salvação.

São todas linguagens muito diferentes, mas um mesmo apelo: recomeçar melhor, viver com mais consciência, construir comunidade, pelo Amor ao Próximo.

Num tempo marcado por guerras, discursos de exclusão e medos identitários, esta coincidência no calendário pode ser lida como um convite silencioso à fraternidade humana universal. Não se trata de diluir as diferenças religiosas nem de ignorar as especificidades de cada tradição. Pelo contrário, é precisamente no respeito pela identidade de cada povo e de cada fé que pode nascer um verdadeiro encontro. A fraternidade não se constrói pela uniformidade, mas pela capacidade de reconhecer no outro um irmão.

O escutismo, desde a sua origem, propõe aos jovens esta abertura. O Escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta a sua vida. A presença da dimensão espiritual na construção de uma criança ou jovem é basilar e tem de estar sempre presente. Mas respeita a fé do Outro. A Lei do Escuta lembra-nos que o escuta é amigo de todos, de todos os cidadãos do mundo. Mas, quando toca aos outros escuteiros, então para esses é irmão, tem vínculo, independentemente da sua origem, cultura ou da forma como reza. Este princípio, simples e exigente, ganha hoje uma atualidade renovada. Educar para a fraternidade já não é apenas um ideal bonito; é uma necessidade urgente para a convivência pacífica nas nossas comunidades, cada vez mais variadas e misturadas.

Também em Coimbra, cidade universitária e cada vez mais intercultural, convivem estudantes

e famílias de múltiplas proveniências e crenças. Este tempo pode ser ocasião para gestos concretos: conhecer melhor as tradições uns dos outros, promover momentos de diálogo, valorizar iniciativas solidárias comuns, ensinar às crianças e jovens que a fé, quando é autêntica, nunca fecha as portas do diálogo - abre-as.

Como cristãos, sabemos que a conversão quase nos conduz sempre ao encontro com o próximo. Não há caminho para a Páscoa que não passe pela caridade, pelo cuidado e pela reconciliação. Recordamos as palavras do Evangelho: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). Esta bem-aventurança, reconhecida por todos os cristãos e inspiradora para qualquer pessoa de boa vontade, lembra-nos que construir a paz e a fraternidade não é opcional – é vocação.

Talvez, neste ano, possamos alargar esse horizonte e reconhecer que, enquanto percorremos o nosso itinerário espiritual, muitos outros caminham, em paralelo, também à procura de Deus, de paz e de vida nova.

Se soubermos ler este tempo como um sinal, poderemos transformá-lo numa semente. Uma semente de respeito, de escuta, de cooperação e de amizade social. Que esta coincidência de calendários não seja apenas um dado curioso, mas uma oportunidade para renovar, nas nossas casas, paróquias, escolas e agrupamentos, o compromisso com uma fraternidade que ultrapassa fronteiras e nos recorda que todos habitamos a mesma Casa Comum.

Porque, no fundo, quando diferentes povos rezam, jejuam, celebram e esperam ao mesmo tempo, a humanidade inteira é chamada a lembrar-se de que foi criada não para a divisão, mas para o encontro. 🙏





“Como posso estar perante isto?”

Cristina Novo

Começámos na quarta-feira de Cinzas mais uma caminhada quaresmal, um tempo privilegiado de encontro com Deus, um convite a mergulharmos nas águas profundas da nossa interioridade, sim porque neste mês de fevereiro toda a vida da nossa Diocese passou por esta palavra “água”.

Gostaria de propor a reflexão sobre o pensamento do padre jesuíta, Franz Jálics. Ele desenvolveu um caminho espiritual conhecido como “oração contemplativa”, muito influenciado pela tradição inaciana (de Inácio de Loyola), mas com um enfoque muito particular na quietude interior. Para Jálics, contemplar não é pensar sobre Deus, nem fazer raciocínios teológicos. É estar, simplesmente, na presença de Deus. É abandonar-se ao silêncio, deixar de “falar com Deus” para estar com Deus.

Jálics ensina que o maior obstáculo à contemplação é o excesso de pensamentos. Por isso, ele propõe o caminho do silêncio com a atenção simples à respiração, repetição suave do nome de Jesus, postura de escuta interior, perseverança diária. O objetivo não é “esvaziar a mente à força”, mas aprender a não se identificar com os pensamentos. Deus só poderá ser encontrado no aqui e agora. O passado e o futuro são distrações da mente. A contemplação acontece quando a atenção está ancorada no presente, o coração está aberto, a pessoa aceita a realidade como ela é. Isso tem uma dimensão quase terapêutica: a oração contemplativa conduz à reconciliação interior.

A espiritualidade de Jálics foi profundamente marcada pela sua experiência de sequestro durante a ditadura militar argentina (nos anos 1970). Esse período de sofrimento aprofundou a

sua compreensão do silêncio, do perdão e da confiança radical em Deus. Os frutos desta oração autêntica não são visões nem êxtases, mas maior capacidade de amar, humildade, paciência e liberdade interior. A contemplação leva a uma vida mais simples e mais compassiva.

Em Jálics, a contemplação não é fuga do mundo, mas reconciliação com ele. A natureza não é objeto de análise é mediação da presença de Deus.

A contemplação, porém, só começa quando o sujeito deixa de se colocar frente à natureza como observador e passa a estar dentro dela como participante. A árvore deixa de ser “árvore pensada” e torna-se árvore presente. O som do vento deixa de ser fenómeno físico e torna-se acontecimento vivido. Trata-se de uma transformação da consciência. Na contemplação da natureza, o que está em jogo não é o objeto contemplado, mas a qualidade da atenção.

A atenção pura não compara, não julga, não interpreta, não apropria. Ela simplesmente recebe. Aqui a oração deixa de ser discurso e torna-se escuta ontológica. Não se trata de falar com Deus sobre a natureza, mas de deixar que a própria realidade fale. Nesse sentido, a natureza funciona como um “sacramento do presente”: aquilo que é visível conduz ao invisível, não por raciocínio, mas por transparência.

Sendo jesuíta, Jálics está enraizado na espiritualidade de Inácio de Loyola, onde Deus é encontrado “em todas as coisas”. Contemplar a natureza não é divinizar-la, mas reconhecer que o divino se comunica através do criado.

Então, já não se “faz” oração. É a nossa própria



forma de estar no mundo que se torna oração. A crise ecológica contemporânea é reflexo de tudo isto. Não nasce apenas de más decisões técnicas, mas de uma forma empobrecida de perceber o real.

A modernidade instaurou um modo de relação com a natureza marcado por três características: objetificação, instrumentalização, separação sujeito/objeto. A natureza tornou-se “recurso”. O mundo tornou-se “matéria disponível”. O ser humano tornou-se “gestor”.

Esta estrutura mental antecede a destruição ambiental. Antes de devastar florestas, devastámos o modo de ver. A crise ecológica é, antes de tudo, uma crise de percepção. Quando alguém contempla uma árvore sem a reduzir a madeira potencial, ocorre uma reeducação da consciência. A árvore deixa de ser meio e volta a ser presença. Contemplar é devolver dignidade ao real. E essa restituição ontológica é o oposto da lógica extrativista. A crise ecológica é também fruto

da incapacidade de aceitar limites. A cultura do crescimento ilimitado nasce de um sujeito que não tolera o vazio. Jálics insiste no silêncio como caminho de purificação do ego.

Uma consciência que suporta o silêncio é menos compulsiva. E uma consciência menos compulsiva consome menos. A contemplação educa para a sobriedade não por moralismo, mas por transformação interior.

No fundo, a contemplação propõe uma alteração radical da pergunta fundamental: Não: “O que posso fazer com isto?” Mas: “Como posso estar diante disto?”

Perante a calamidade que nos atormentou fruto da força da natureza e das alterações climáticas, como podemos nós cristãos estar perante isto? Como vamos viver esta Quaresma tendo à nossa frente e ao nosso lado a destruição de vidas, de casas, de empregos, de infraestruturas? 🙏





A C N

“Ninguém merece isto..”

AiS - Paulo Aido

A beleza da região, exuberante de verde, esconde a tragédia da pobreza dos que trabalham nas plantações de chá no Bangladesh. Formalmente, são pessoas livres, mas na verdade são autênticos escravos que recebem uma miséria por cada dia extenuante de trabalho. Para o Irmão Eugenio Sanchez, isto é inqualificável. “Nenhum ser humano merece isto”, diz à Fundação AIS. A presença de uma pequena comunidade de Irmãos Maristas nesta esquina no mundo é um sinal de que esta população pobre e miserável não foi abandonada...

Tudo por ali parece desmesurado. O verde é denso, tem matizes, está presente em todo o lado. Quem chega não compreende logo que por ali vivem pessoas. São trabalhadores do chá, um resquício ainda dos tempos coloniais, quando os Britânicos compreenderam que aquelas terras seriam propícias para as plantações que exigem um labor constante, árduo e que é mal pago. Sempre foi muito mal pago. A tal ponto que os traba-

lhadores das plantações são mais escravos do que homens livres, apesar de terem ordenado, apesar de serem pagos pelo que fazem. Mas o que recebem é miserável, não os retira da indigência, não lhes oferece nenhum futuro. Estão presos a uma realidade que os arrasta para a mais profunda pobreza. Quem chega a Giasnogor não compreende logo que por ali, no meio de todas as tragédias que se acumulam desde há quase anos sem fim, há também uma semente teimosa de amor que foi plantada por um punhado de religiosos, de Irmãos Maristas.

Um espanhol enamorado pelo Bangladesh

Eugenio Sanz Sanchez é espanhol, mas há muito que se deixou enamorar pelas gentes do Bangladesh, em especial os trabalhadores das plantações de chá. Eugenio não desiste de transformar aquela terra transformando os corações. Só isso poderá ter a força suficiente para mudar décadas de exploração, de subserviência, de pobreza. “Sou um irmão marista. Queremos dignificar as pessoas daqui porque todas as pessoas, pelo simples facto de serem seres humanos, têm direitos. O alvo da nossa acção aqui são as pessoas que trabalham nas plantações de chá, uma minoria muito carenciada no Bangladesh. Há 150 anos, os Britânicos estabeleceram plantações de chá nesta região. As condições em que vivem são muito, muito precárias”, explica à Fundação AIS. Para se deslocar de povoações em povoação, o Irmão Eugenio vai de Land Rover. Só um jipe assim, robusto, é capaz de ultrapassar os caminhos de terra batida esburacados por chuvas que por vezes, ali, parecem dilúvios. Por ali não se pode andar depressa, mas também não há nenhuma urgência.



© Foto ACN Portugal



Uma região que parece ter parado no tempo

A vida nas plantações de chá parece ter parado no tempo. As famílias continuam presas a uma miséria sufocante, que vai passando de geração em geração como se fosse uma inevitabilidade. “Não têm dinheiro para mandar os seus filhos para a escola”, explica, num evidente desalento, o Irmão Eugenio Sanchez. “Não têm dinheiro para pagar medicamentos adequados. Por isso, ficam aqui, presos à sua terra. Nenhum ser humano merece isso. Nenhum ser humano merece isso.”, diz, uma e outra vez, a sublinhar o drama que tem em mãos e que ainda não conseguiu resolver. Não conseguiu resolver, mas não desiste de o fazer. Todos os dias, quando sai da casa onde os Maristas vivem em Giasnogor, Eugenio sabe que transporta consigo uma luz de esperança. A esperança que vem de Deus.

tas plantações de chá, que são o centro da vida em toda a região, alimentam o negócio bem lucrativo de algumas empresas multinacionais.

@ Foto ACN Portugal



@ Foto ACN Portugal

Transformar esta terra num pedaço de Céu

Mas, para os Irmãos Maristas, esta história ainda não chegou ao fim. É preciso mudar este paradigma. É possível mudar esta prisão a céu aberto em que vivem estas populações. E o caminho mais curto para essa mudança é a educação. “Queremos dar a nossa pequena contribuição e ajudá-los a sair desse ciclo de miséria”, diz o Irmão Eugenio, lembrando os projectos que lhe alimentam esse sonho. “Haverá uma escola secundária, uma escola preparatória e também albergues para meninas e meninos. Eles poderão sair, poderão ampliar a sua visão. Poderão ver o que há por trás das paredes da plantação de chá. E, talvez um dia, quem sabe...” Talvez um dia, aquela terra seja mesmo um pedaço de Céu. Beleza não falta por ali. É só preciso acabar com o sofrimento dos que trabalham nas plantações. O exemplo destes Irmãos Maristas é extraordinário. A presença de uma pequena comunidade de Irmãos Maristas nesta esquina do mundo no Bangladesh é um sinal de que esta população pobre e miserável não foi abandonada... 📍

A vida ali nas plantações não é fácil. Há por ali milhares de trabalhadores que vivem em condições de extrema pobreza e que recebem miseravelmente a troco de um trabalho árduo e diário de 10 a 12 horas. São milhares que vivem assim. As casas onde moram são construídas sob estacas, têm paredes de barro e telhados de palha, quase não têm mobília, quase não têm nada. No entanto, es-





SDEC

Inclusão de pessoas com deficiência na Igreja, nomeadamente na Catequese, e na Sociedade. Uma perspectiva histórica ⁽³⁾

Ana Faria

Idade Moderna [1453-1789] (cont.)

Os séculos XVI e XVII foram marcados em toda a Europa por epidemias e por guerras que, no seu conjunto, dizimaram enorme quantidade de população, aumentando de forma exponencial o número dos mutilados, ou seja, das pessoas com deficiências físicas. Ao mesmo tempo, as intensas vagas de frio que se fizeram sentir na Europa Central – nova pequena Idade do Gelo¹ - deram origem a nova crise agrícola e pecuária, e em consequência a uma fome generalizada que levou a migrações internas das populações, dos campos para as cidades, procurando segurança e alimentos; simultaneamente, os conhecimentos científicos avançaram de forma substancial em múltiplas matérias, como a Biologia, a Física, a Medicina, influenciando positivamente inúmeros sectores essenciais à subsistência das populações, como a Agricultura, a Indústria, a Saúde Pública.

Estes avanços permitiram que no século XVIII, apesar da crise climática, e da fome que se conti-

nuou a viver na Europa central, a população europeia tivesse um aumento considerável e melhoria da qualidade de vida, começando de algum modo a mudar a perspectiva sobre alguns tipos de deficiência: desenvolveu-se a ortopedia e o início da reabilitação de algumas deficiências físicas, tendo sido dada uma atenção especial aos deficientes sensoriais: cegos e surdos. Foi, aliás, nesse âmbito que, no início do século XIX, D. João VI, por influência de sua filha, a Princesa D. Isabel, criou o *Instituto de Surdos e Cegos*, em Lisboa, em 1823.

Ao mesmo tempo, o século XVIII viu desenvolverem-se as ideias iluministas por toda a Europa, que iriam desencadear um movimento que teve como consequência a extinção de inúmeros Colégios de Jesuítas em diferentes países europeus, tendo Portugal sido o primeiro país a expulsar a Companhia de Jesus (1759), “*nestes reinos e nos seus domínios*”². A pressão que os Monarcas da Península Ibérica fizeram sobre Roma, levou mesmo a que, a 21 de Julho de 1773, o Papa Clemente XIV emitisse um Breve “*Dominus ac Redemptor*” que suprimiu a Companhia de Jesus, na Europa³.

¹ Cf. FAGAN, Brian, *op. cit.*, pp.116-155; BLOM, Philipp, “*Nature’s Mutiny*”, ed. WW Norton & Company, 2019;

² Cf. FRANCO, José Eduardo, “*O mito dos Jesuítas, Em Portugal, no Brasil e no Oriente (Séculos XVI a XX)*”, 2 vol.s, Ed. Gradiva, 2006; O’MALLEY, SJ, John W., “*Os Jesuítas. Uma história desde Inácio ao presente*”, Ed. A.O., 2023

³ Cf. Papa Clemente XIV, “*Dominus ac Redemptor*”, <https://www.vatican.va/content/clemens-xiv/it/documents/breve-dominus-ac-redemptor-21-luglio-1773.html> [2025.10.19];



Foi com o Marquês de Pombal, em meados do século XVIII, que o iluminismo marcou definitivamente a sociedade portuguesa, com as reformas que foram introduzidas em diversos sectores de actividade, desde a Agricultura, à Indústria, passando pela Educação, pela Economia e pela Administração Pública. No entanto, no que diz respeito às pessoas com deficiência, ainda que genericamente permanecessem acolhidas em instituições de caridade, sendo cuidadas nos aspectos da higiene, da alimentação, da saúde, do vestuário, etc., de um modo geral, verificava-se muito pouco investimento nas condições de educação, continuando a ser vistas como socialmente inúteis. Mas a atenção e o cuidado aos pobres e desvalidos, entre os quais se encontravam pessoas com todos os tipos de deficiência, continuava a ser feito, tendo sempre como pano de fundo a caridade e os princípios evangélicos.

Em meados do século XVIII, em 1749, surge em Portugal, a *Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos*, integrada na Paróquia de S. Jorge, em Lisboa, a quem foram concedidos privilégios reais, e que tinha como objectivo a concessão do monopólio da venda ambulante de papéis e impressos, a fim de angariarem fundos para a sua subsistência e, de algum modo, para a sua autonomia; ficaram conhecidos como os “cegos papelistas”⁴.

Após o Terramoto de 1755, muitas foram as crianças e jovens que ficaram órfãos, e muitas as pessoas que se viram sem meios de subsistência e sem lar. Em 1780, o Intendente da Polícia, Pina Manique, fundou a Casa Pia, inicialmente instalada no Castelo de S. Jorge, que teve como missão primordial acolher e educar as crianças e os jovens desamparados, bem como os mendigos e as prostitutas, colocados em sectores diferencia-

dos, promovendo uma educação integral, da qual constava também formação profissional no sentido da sua reintegração social⁵.

Idade Contemporânea [1789-até aos nossos dias]

No século XIX, com a extinção dos Conventos em 1834, a sociedade civil portuguesa viu-se a braços com a necessidade de acolher as populações doentes e carenciadas, nomeadamente as crianças, até então acolhidas e tratadas nos Conventos. Assim, nesse mesmo ano, foi criado em Lisboa, o primeiro asilo para a infância desvalida, *Asilo D. Pedro V*, tendo-se seguido a *Sociedade de Casas de Asilo da Infância Desvalida*, que iniciou a abertura de diversas casas de acolhimento para crianças em diferentes cidades do país.

Em 1836, surgiram os *Asilos de Mendicidade* de Lisboa e do Porto, em que “podiam ser acolhidos [...] crianças desvalidas que vaguearem sem amparo pelas ruas, e praças publicas [...]”⁶, tendo sido abertos muitos outros em diversas localidades do país, como o *Asilo de Mafra*, para os filhos de soldados, em 1837; o *Asilo de Nossa Senhora da Esperança*, em 1863, em Castelo de Vide, para o ensino de cegos; o *Asilo de Santa Estefânia do Amor de Deus e do Próximo*, em 1864, em Guimarães; o *Asilo Montemorense de Infância Desvalida* (A.M.I.D.), em Montemor-o-Novo, em 1876. O objectivo destas instituições era dar assistência e educação, aos pobres, entre os quais estavam as pessoas com deficiência, aos mendigos e aos desvalidos.

Em meados do século XIX, surgem entre nós as *Conferências de São Vicente de Paulo*⁷, que funcionando a nível Paroquial, têm como missão a visita domiciliária aos pobres levando apoio material

⁴ Cf. <https://www.acapo.pt/historia-do-movimento-associativo> [2025.09.10]

⁵ Cf. <https://casapia.pt/casa-pia-de-lisboa/historia/> [2025.09.28]

⁶ Cf. ESTEVES, Alexandra Patrícia Lopes, “A assistência à infância desvalida no alto Minho oitocentista – O caso do Asilo de Infância Desvalida D. Maria Pia de Ponte de Lima”, *Revista Angelus Novus*, USP – ano V, n.8, p.39, 2014, in <https://repositorium.uminho.pt/server/api/core/bitstreams/19e92047-d55c-46c7-82d1-0d2ec131afea/content> [2025.09.28]

⁷ S. Vicente de Paulo viveu em França, tendo falecido em Paris, em 1660. Em 1617, nasceu a primeira célula da Caridade Vicentina, confiada às Servas dos Pobres. Em 1633, fundou a Congregação das Filhas da Caridade e mais tarde a Congregação da Missão, ou dos Lazaristas, por terem sede no Convento de São Lázaro. Foi canonizado pelo Papa Clemente XII, em 1737.



e espiritual⁸. Em muitas destas famílias encontravam-se crianças e adultos com deficiências, fonte de grande sofrimento para as famílias que tendiam a isolar-se socialmente. Este apoio dado pela Igreja era sentido como um olhar de ternura e de inclusão, uma lufada de ar fresco, acolhido sempre com muita alegria, sobretudo por parte daqueles que 24 horas por dia, cuidavam dos seus familiares com deficiência.

A Europa central debatia-se também com o problema da pobreza, com crianças e jovens sem eira-nem-beira, nos quais se incluíam os “anormais”⁹, mendigando, por vezes cometendo delitos, pelo que se tornavam urgentes medidas de prevenção, educação e de integração social. Nesse âmbito foram feitos “[...] congressos internacionais sobre a protecção da infância e congressos penitenciários internacionais dos finais do século XIX e princípios do século XX (1886-1921)”¹⁰.

A partir dos anos 80 do século XIX, num movimento que se prolonga para o século XX, vão sendo criadas em Portugal várias Escolas e Associações de Pessoas com Deficiência.¹¹

No que diz respeito aos Cegos: em Abril de 1860, um grupo de cegos, antigos alunos da Casa Pia, funda o *Asylo de Cegos e Myopes de Tomaz Jorge*, em Lisboa; em 1884, João de Deus, pedagogo e poeta, tornou-se o primeiro professor de Braille, sistema que só foi oficializado em Portugal, em 1930. Em 1888, no sentido já da reabilitação e re-integração social, foi criada a *Associação Promotora do Ensino dos Cegos (APEC)*, que promoveu a abertura da primeira *Escola de Cegos*, em Pedrouços, Lisboa, que em 1912, se denomina *Asilo-Escola António Feliciano de Castilho*; em 1899, é criado

no Porto, o *Asilo de Cegos de São Manuel*, com o objectivo de fazer formação profissional a cegos adultos do sexo masculino; em 1903, é aprovada a *Escola de Cegos do Porto*, que se dedica ao ensino de crianças cegas de ambos os sexos. Em 1945, estas duas instituições fundem-se para criar o *Instituto Asilo de Cegos de São Manuel*, que sofre remodelação em 1972, passando a chamar-se *Instituto de Cegos de São Manuel*. Em 1926, nasce o *Instituto de Cegos*, ligado à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; em 1932, foi criada a *Associação de Beneficência Louis Braille (ABLB)*; 1936, surge a *Liga Portuguesa da Profilaxia da Cegueira (LPPC)*; 1951, dá-se a criação da *Liga de Cegos João de Deus (LCJD)*; nascido a partir da *Liga Portuguesa da Profilaxia da Cegueira (LPPC)*, nasce em Lisboa, em 1955, o *Centro Infantil Helen Keller*, que foi desde o início um projecto de ensino integrado, acolhendo crianças com deficiências visuais e crianças normovisuais; em 1958, é criada a *Associação de Cegos do Norte de Portugal (ACNP)*, no Porto; em 1978, surge a *Organização dos Cegos Portugueses (OCEP)*; 1980, é a vez da *Associação Promotora de Emprego para Deficientes Visuais (APEDV)*; em 1989, nasce a *Associação de Cegos e Ambliopes de Portugal (ACAPO)*, que resulta da fusão das três associações de cegos: APEC, ABLB e LCJD.

Em Portugal, em 1930, é oficializado o *Sistema Braille*¹², mas apenas em 2017, é definido como meio natural de leitura e escrita das pessoas com deficiência visual pelo Decreto-Lei 126/2017, de 4 de Outubro, que revoga o Decreto de 1930; entretanto, a ONU, em 2006, reconheceu o Braille como um meio fundamental para a inclusão das pessoas cegas ou com baixa visão, e para a sua

⁸ As *Conferências de São Vicente de Paulo* são fundadas em Paris por Frederico OZANAM, em 1833. A primeira, em Portugal, foi fundada na Paróquia de São Luís dos Franceses, a 26 de Outubro de 1859. Depressa se espalharam por todo o país, funcionando ainda hoje em muitas Paróquias portuguesas.

⁹ Nomenclatura usada à época, para todas as crianças e jovens que apresentavam alguma deficiência cognitiva, diversas perturbações psíquicas, motoras e outras, ou ainda que apresentassem comportamentos disruptivos ou delinquentes.

¹⁰ Cf. TOMÉ, Maria Rosa, “A cidadania infantil na Primeira República e a Tutoria da infância. A criação da tutoria de Coimbra e do refúgio anexo”, in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 10, Tomo II, ed. Palimage, Coimbra, 2010, pp. 481-500;

¹¹ Cf. AMADO, Maria do Castelo Teixeira M.R.C. “*Escritos em branco: rupturas da ciência e da pedagogia no Portugal Oitocentista: o ensino para cegos no asilo Escola António Feliciano de Castilho (1888-1930)*”, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Tese de mestrado, Lisboa 2007.

¹² Cf. Decreto-Lei nº 18.373 de 1930. In <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto/18373-1930-224980> [2025.12.03]



plena integração e participação na vida social.¹³ Em 2018, a ONU proclamou o dia 4 de Janeiro como o *Dia Mundial do Braille*, reforçando assim, a sua importância como meio de leitura e de escrita para a inclusão social das pessoas cegas ou com baixa visão.

No que diz respeito aos surdos: em 1870, é aberta a *Escola de Surdos*, em Guimarães; em 1893, abre o *Instituto de Surdos Araújo Porto*, no Porto, onde em 1919 é criado um “*Curso pedagógico Normal para habilitação de surdos-mudos*”; em 1913, a Casa Pia de Lisboa cria o “*Curso Normal de especialização para o Ensino de Surdos-mudos*”; em 1922, também na Casa Pia, é criado o *Instituto de Surdos-mudos*, mais tarde denominado *Instituto de Surdos-mudos Jacob Rodrigues Pereira*.

Entretanto, a década de 80 do século XIX assistiu, na Europa, a uma enorme polémica sobre a educação e a assistência aos Surdos-Mudos, que teve que ver com o ensino da Língua Gestual ou a aplicação do Método oral puro; isso levou a muitos debates e à realização, de vários congressos internacionais, entre os quais, ao Congresso Internacional para Estudo das Questões de Educação e de Assistência de Surdos Mudos, em Paris, em 1900.¹⁴

No que diz respeito aos deficientes intelectuais: em 1962, nasce a *Associação Portuguesa de Crianças Mongoloides*; em 1964, toma o nome de *Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças Diminuídas Mentais* e, posteriormente, em 1969, *Associação Portuguesa de*

Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental. Em 1971, nasce em França o *Movimento Fé e Luz*, ligado à Igreja Católica que, em Portugal, se inicia em Lisboa, em 1976. Ainda em 1971, a ONU emana a *Declaração dos Direitos do Deficiente Mental*, através da Resolução nº 2856 (XXVI) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 20 de dezembro de 1971, reforçada em 1975 pela *Declaração dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência*,¹⁵ em que se reafirmam os direitos humanos e as liberdades fundamentais, integrando também a pessoa com deficiência na promoção e desenvolvimento mental; esta declaração é substituída e reforçada pela *Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD)*, de 2006. Nesse mesmo ano é criada, em Portugal, a *Cooperativa para a Educação e a Reabilitação de Crianças Inadaptadas (CERCI)*, que se estende rapidamente pelo País, tendo dado origem em 1985, à *Federação Nacional das Cooperativas de Solidariedade Social (FENICERCI)*.

No que diz respeito às pessoas com deficiência física: em 1957, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa criou o 1º *Curso de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional*, na Escola de Reabilitação do Alcoitão; em 1966, foi inaugurado o *Centro de Medicina de Reabilitação do Alcoitão (CMRA)*; em 1971, foi criado o *Secretariado Nacional de Reabilitação* pela Lei nº 6 de 8 de Novembro; em 1993, foram criadas as *Escolas Superiores de Tecnologias da Saúde de Lisboa, Porto e Coimbra*, com Cursos de Fisioterapia. 📖

¹³ Cf. na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, (artigos 2º, 21º e 24º)

https://dcjri.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/instrumentos/pessoas_deficiencia_convencao_sobre_direitos_pessoas_com_deficiencia.pdf [2025.10.19].

¹⁴ Cf. <https://www.redalyc.org/journal/3216/321660471051/html/> [2025.12.06]

<https://www.avp.pro.br/mod/glossary/view.php?id=1226&sortkey=CREATION&mode=date> [2025.12.06];

https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_d8b3b3eb057a4403afad7499137091f0.pdf [2025.12.06]

<https://www.scielo.br/j/rbhe/a/tWRy9qH9RHS3mdk7FhjNzdj/?format=pdf&lang=pt> [2025.12.06]

¹⁵ Resolução nº 3447 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 9 de Dezembro de 1975.





LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

II DOMINGO DA QUARESMA

1 de março de 2026

Ano A

Leitura do Livro do Gênesis Gn 12, 1-4a

Naqueles dias, o Senhor disse a Abraão: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei; engrandecerei o teu nome e serás uma bênção. Abençoarei a quem te abençoar, amaldiçoarei a quem te amaldiçoar; por ti serão abençoadas todas as nações da terra». Abraão partiu, como o Senhor lhe tinha ordenado. Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial Salmo 32 (33)

Esperamos, Senhor, na vossa misericórdia.
ou: Desça sobre nós a vossa misericórdia,
porque em Vós esperamos, Senhor.

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo São Paulo a Timóteo 2 Tim 1, 8b-10

Caríssimo: Sofre comigo pelo Evangelho, apoiado na força de Deus. Ele salvou-nos e chamou-nos à santidade, não em virtude das nossas obras, mas do seu próprio desígnio e da sua graça. Esta graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, desde toda a eternidade, manifestou-se agora pelo aparecimento de Cristo Jesus, nosso Salvador, que destruiu a morte e fez brilhar a vida e a imortalidade, por meio do Evangelho. Palavra do Senhor.

Aclamação antes do Evangelho Mt 2, 2

Glória a Vós, Senhor, Filho de Deus vivo.
No meio da nuvem luminosa, ouviu-se a voz do Pai: «Este é o meu Filho muito amado: escutai-O».

Evangelho segundo São Mateus Mt 17, 1-9

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os, em particular, a um alto monte e transfigurou-Se diante deles: o seu rosto ficou resplandecente como o sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E apareceram Moisés e Elias a falar com Ele. Pedro disse a Jesus: «Senhor, como é bom estarmos aqui! Se quiseres, farei aqui três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias». Ainda ele falava, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra e da nuvem uma voz dizia: «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O». Ao ouvirem estas palavras, os discípulos caíram de rosto por terra e assustaram-se muito. Então Jesus aproximou-Se e, tocando-os, disse: «Levantai-vos e não temais». Erguendo os olhos, eles não viram mais ninguém, senão Jesus. Ao descerem do monte, Jesus deu-lhes esta ordem: «Não conteis a ninguém esta visão, até o Filho do homem ressuscitar dos mortos». Palavra da salvação.



NEM SÓ DE PÃO

COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

P. JOÃO CASTELHANO



«Este é o meu Filho... Escutai-O»

«**D**eus te livre, Senhor. Isso não pode acontecer» - é a reação de Pedro, escandalizado com o anúncio da Paixão. Seguiram um Cristo de palavras mansas, que curava leprosos, que expulsava demónios, que ressuscitava mortos - que maravilha de homem! - e agora vem anunciar-lhes que tinha de ser condenado pelas autoridades, que tinha de ser morto e ressuscitar! Como era possível? É lógica a reação de Pedro. E é lógica a atitude de Jesus. Chama Pedro, Tiago e João e leva-os consigo ao monte. E aí, transfigura-se diante deles, mostra-lhes a sua verdadeira identidade. Consigo, as testemunhas: Moisés e Elias, que tinham anunciado o projeto salvador de Deus para a humanidade. E como se não bastassem as testemunhas, ouve-se a confirmação da sua identidade pela voz do Pai, ecoando por entre as nuvens: *«Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O»*.

Aqui estamos, nesta Quaresma, a escutar Jesus. A aprender com Ele a responder às tentações do demónio, a colocar sempre em primeiro lugar o Deus que nos criou e nos salva (*1º domingo da Quaresma*).

Aqui estamos, prontos a obedecer ao chamado de Deus como Abraão.

Aqui estamos, atentos às recomendações de Paulo a Timóteo: "Sofre comigo pelo Evangelho, apoiado na força de Deus."

Começámos, há pouco tempo, este caminho da Quaresma. Caminho marcado pelas preocu-

pações e cuidados da vida. Preocupações com a saúde, com o trabalho, com as tempestades, com as inundações, com as estradas cortadas, com os tremores de terra... Cuidados com os filhos e os seus telemóveis, com as ameaças de guerra nuclear... No meio de todas estas e outras inquietações e cuidados, há ainda tempo e disposição para pensar em Deus? E, se ainda encontramos tempo para Ele, é para perguntar porque é que permite tantos desastres, para nos lembrar que temos de sofrer e morrer? Ficamos pelo anúncio da cruz, ou descobrimos o Cristo transfigurado, a revelar-nos a ressurreição e a vida a que somos chamados?

O caminho da Páscoa passa forçosamente por reconhecer a nossa condição de pecadores, a precisar de purificação, como rezamos no Salmo: *«Lavai-me, Senhor, da minha iniquidade; purificai-me dos meus pecados»*. Não faltam propostas concretas para encetar este caminho. Desde a Mensagem do Papa a lembrar-nos o jejum de palavras ofensivas... a mensagem do nosso Bispo, a propor-nos a renúncia a favor das vítimas das tempestades... as sugestões dos Secretariados da Juventude e da Educação Cristã...

Com uma certeza: Espera-nos Cristo ressuscitado e vivo, que nos acompanha na caminhada: *«Ele salvou-nos e chamou-nos à santidade, não em virtude das nossas obras, mas do seu próprio desígnio e da sua graça.»*

Confiantes, ponhamo-nos a caminho, como Abraão, nosso pai na fé. 📖



CÂNTICOS

III DOMINGO DA QUARESMA

8 de março de 2026

Ano A

*O que cantamos em:***MIDÕES**

Com o contributo de

✍ *Ana Paula Neves***Entrada**

Povo teu somos | NCT 360

Comunhão

Como é admirável Senhor

| NCT 257

Pós-comunhão

Com o sol que se levanta

| NCT 579

Final

Se me envolve a noite escura

| NCT 563

SEIXO DE MIRA

Com o contributo de

✍ *Margarida Oliveira***Entrada**Olhai para mim, Senhor
(Az. Oliveira)**Apresentação dos dons**Vós todos os que tendes sede
(C. Silva)**Comunhão**Senhor, eu creio
que sois Cristo (F. Silva)**Pós-comunhão**Jesus Cristo amou-nos
(M. Luís)**Final**

Povo teu somos, ó Senhor

SOURE

Com o contributo de

✍ *Jorge Sousa Pereira***Entrada**Chegue até Vós, Senhor
| NCT 295**Apresentação dos dons**Das fontes da salvação
| NCT 340**Comunhão**

Aquele que beber | NCT 836

Pós-comunhãoBebei, se tendes sede
| NCT 234**Final**

Irmãos convertei | NCT 543

NCT - Novo Cantemos Todos
 CNL - Cantoral Nacional Liturgia
 L - Laudate - canticos.pt





AGENDA

DIOCESE

26
FEV. 1º ENCONTRO QUARESIMAL
- CATEQUISTAS E ANIMADORES (SDEC)

Online, às 21h00

27
FEV. CONFERÊNCIA QUARESIMAL DO ARCIPRESTADO
DE CANTANHEDE SOBRE A FIGURA HISTÓRICA
E ESPIRITUAL DE S. FRANCISCO DE ASSIS

No Centro Paroquial de S. Pedro, em Cantanhede, pelas 21h00.

«O REI VAI NU»

Iniciativa do Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura,
no Exploratório da Universidade de Coimbra.

01
MAR. DIA DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Eucaristia na Capela de São Miguel, 12h00.

05
MAR. 2º ENCONTRO QUARESIMAL
- CATEQUISTAS E ANIMADORES (SDEC)

Online, às 21h00.



07 MAR. PRIMEIRO ENCONTRO DO CICLO DE FORMAÇÃO “ACOLHER, CONGREGAR E SERVIR”

Iniciativa do Secretariado Diocesano da Pastoral da Família, em Chão de Couce, a partir das 09h30.

FORMAÇÃO «PARÓQUIA- ESPAÇO SEGURO»

Iniciativa da Comissão de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis, acontece pelas 10h00, no salão paroquial S. José, Coimbra.

10 MAR. PRIMEIRO ENCONTRO DO CICLO “AS ENTRELINHAS NOS TEXTOS DE MATEUS”, COM FREDERICO LOURENÇO

Capela da Universidade, pelas 18h00. **Informações.**

12 MAR. 3º ENCONTRO QUARESMA - CATEQUISTAS E ANIMADORES (SDEC)

Online, às 21h00

NACIONAL

26 FEV. WEBINAR SOBRE O TEMA «O ERRO MÉDICO»

Promovido pela Associação dos Médicos Católicos Portugueses têm início às 21h30, é gratuito mas sujeito a inscrição prévia através do endereço medicatolicos.pt@gmail.com.

27 FEV. WEBINAR SOBRE «FÉ E FRAGILIDADE, CAMINHOS PARA A SANTIDADE»

Organizado pela Comunidade Católica com Deficiência Visual (CCDV) vai acontecer entre 21h00 e as 23h00 na plataforma Zoom, com inscrição através de [formulário](#) online.

01a08 MAR. SEMANA CÁRITAS



07e08 6.º ENCONTRO/PEREGRINAÇÃO NACIONAL
MAR. DO MOVIMENTO CPM AO SÂNTUÁRIO DE FÁTIMA

Programa

VATICANO

22a27 LEÃO XIV PARTICIPA NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS
FEV. DA QUARESMA COM A CÚRIA ROMANA,
NO PALÁCIO APOSTÓLICO NO VATICANO

28
MAR. PAPA VISITA O PRINCIPADO DO MÓNACO

13e23
ABR. PAPA VISITA ÁFRICA

06a12
MAR. PAPA VISITA ESPANHA E ILHAS CANÁRIAS



O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.

CORREIO DE **COIMBRA**

Semanário da Diocese de Coimbra

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT